

# **SAINDO DO HOSPITAL DE BRAÇOS VAZIOS: PERDA NEONATAL, LUTO MATERNO E ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL (UTIN)**

Dayane Dalles de Oliveira<sup>1</sup>

Esp. Nara Silveira Remígio<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho possui como objetivos descrever as particularidades do luto materno em decorrência da perda do bebê na UTIN e discorrer sobre o papel do psicólogo hospitalar no acolhimento à mãe enlutada. Assim, o interesse teórico da autora surgiu devido os seguintes questionamentos: Como funciona para uma mãe, com tudo pronto para receber o bebê em casa, sair do hospital de braços vazios? Como ocorre o luto materno pela perda neonatal? Como o psicólogo hospitalar pode acolher essa mãe nos momentos iniciais após a notícia do óbito? Dentre os resultados obtidos, a partir de uma revisão bibliográfica, nota-se que a figura materna sofre um intenso impacto emocional diante da morte do bebê na UTIN, sendo o seu processo de luto repleto de especificidades e subjetividade, deixando uma marca profunda na sua história de vida. Por esse motivo, é necessário que o psicólogo hospitalar possa prestar um cuidado humanizado, ético, empático, respeitoso e sensível, auxiliando na elaboração do luto. Portanto, conclui-se que o presente trabalho estabelece uma interação entre as variáveis do tema e contribui para transmitir conhecimento acerca de um assunto complexo, doloroso e pertinente no campo da saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto; Maternidade; Perda neonatal; Psicologia.

## **INTRODUÇÃO**

A princípio, destaca-se que a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) consiste em uma área hospitalar, com alta tecnologia e equipe multidisciplinar, destinada aos cuidados intensivos com bebês hospitalizados. De acordo com Carvalho e Pereira (2017), os recém-nascidos, especialmente os prematuros, que são hospitalizados em uma UTIN, são bebês fragilizados pela própria prematuridade e apresentam patologias variadas, como doença da

---

<sup>1</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [dayanedalles@gmail.com](mailto:dayanedalles@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora orientadora e especialista em cancerologia. FACULDADE VIDAL: e-mail: [psi.narasilveira@gmail.com](mailto:psi.narasilveira@gmail.com)

membrana hialina, síndrome de aspiração meconial, anoxia neonatal, hipoglicemia, icterícia fisiológica, gastrosquise, hidrocefalia, mielomeningocele, pneumonia, entre outras.

Nesse ambiente os bebês passam por diversos procedimentos e intervenções, como aspiração, intubação, cateterismo, punção venosa, entre outros, que permeiam todo o tratamento durante sua internação (Cartaxo et al., 2014). Em decorrência desse cenário de constante tensão entre a vida e a morte, rotatividade de profissionais, recursos tecnológicos, procedimentos específicos e separação do bebê, a mãe experimenta sentimentos de inferioridade e impotência, somado a incapacidade, a culpa e o medo da perda (Baseggio et al., 2017).

Quando a perda imaginária se concretiza, a figura materna sofre um intenso impacto emocional ao receber o diagnóstico de óbito neonatal. Conforme ressalta Laguna et al. (2021), a morte de uma criança pode produzir uma dor intolerável, uma vez que significa frustração de desejos, fantasias, devaneios e, não menos importante, a impotência ante a possibilidade de aplicar sua capacidade de ser mãe. Entende-se que a partida precoce e inesperada de um bebê inverte a ordem socialmente esperada do ciclo vital, afetando diferentes dimensões da vivência da mulher-mãe. Para Laguna et al. (2021) a perda de um filho corresponde a uma profunda ferida narcísica, de lenta, dolorosa e difícil recuperação.

Pontua-se que a reação diante da morte é compreendida como luto e sua duração e enfrentamento são variáveis de acordo com a cultura, os pensamentos e a individualidade (Lopes et al., 2017). A concepção mais recente considera o luto como um processo inerente à vida (Faria-Schutzer et al., 2014). Contudo, embora o luto seja compreendido como natural e esperado, isso não o torna menos doloroso, ainda mais quando se trata do luto materno em decorrência da perda neonatal. Nesse cenário, a experiência do luto é marcada por sentimentos de culpa, falta de sentido, sofrimento e dor, pois quando se perde um filho, se perde também o futuro que estava planejado, a mãe que se projetava ser com aquele bebê e a confiança em si mesma (Sionek, 2019).

Por ser um momento delicado, subjetivo e de intenso pesar, se faz necessário a presença do psicólogo hospitalar nas UTIN, trabalhando em conjunto com a equipe multidisciplinar para fornecer um acolhimento humanizado diante da vivência do luto. Sendo assim, a atuação do profissional de Psicologia deve estar assentada em uma postura de compreensão e empatia (Laguna et al., 2021), tendo a função de facilitar o contato materno com a realidade da perda e proporcionar espaço para expressão de sentimentos, favorecendo a elaboração do luto (Sciotti et al., 2024).

Portanto, o interesse pela construção do trabalho surgiu a partir dos seguintes questionamentos: Como funciona para uma mãe, com tudo pronto para receber o bebê em casa,

sair do hospital de braços vazios? Como ocorre o luto materno pela perda neonatal? Como o psicólogo hospitalar pode acolher essa mãe nos momentos iniciais após a notícia do óbito? Nesse sentido, os objetivos do trabalho consistem em descrever as particularidades do luto materno em decorrência da perda do bebê na UTIN e discorrer sobre o papel do psicólogo hospitalar no acolhimento à mãe enlutada.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi estruturado por meio de uma revisão bibliográfica, isto é, uma revisão de literatura que tem como objetivos principais explorar, descrever e discutir sobre um determinado tema, fazendo isso de forma ampla e considerando múltiplos fatores (Frossard, 2024). Nesse sentido, foi realizado um estudo detalhado, seletivo e crítico das publicações científicas encontradas nas plataformas Google acadêmico e Scielo, com o uso dos descritores: *perda neonatal; luto materno no hospital; psicologia na UTI neonatal; UTI neonatal e luto; psicologia hospitalar e luto materno.*

Com isso, foram escolhidos 14 trabalhos de fundamentação teórica, partindo do recorte temporal de 11 anos (2014-2025), tendo como intuito analisar o predomínio de discussões sobre a temática em um período de tempo relativamente curto e recente. Os critérios de inclusão dos artigos foram: discorrer sobre, pelo menos, duas variáveis definidas no tema em questão e estarem incluídos na delimitação temporal escolhida. Dessa forma, as pesquisas que não contemplavam esses aspectos foram excluídas do presente trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Salienta-se que o luto materno pela morte de um bebê na UTIN possui especificidades, sendo carregada de sentimentos de vazio interior, irritabilidade, medo de uma nova gravidez (risco de perder outra criança), raiva, apatia, entre outros (Alves; Celestino, 2020). Além disso, a mãe enlutada pode vivenciar intensos sentimentos de fracasso, inferioridade e incapacidade (Laguna et al., 2021, *apud* Chiattonne, 2007). Diante dessa situação de impacto emocional, compreende-se que uma mãe em luto na UTIN perde não apenas o bebê, mas também uma parte de si e a forma de enxergar o mundo ao seu redor.

O luto vivenciado pela figura materna nessa área hospitalar é uma experiência subjetiva, marcante e indefinível na sua totalidade, uma vez que os bebês representam, no imaginário popular, o início da vida e não o fim (Laguna et al., 2021). A perda neonatal compromete a afetividade, a cognição e o comportamento da mãe, potencializando os efeitos do sofrimento mental, afetando laços de vínculo e impactando várias esferas da vida (Ferreira, 2022). Durante

o luto, segundo Laguna et al. (2021), a pessoa se sente desprotegida, visto que esse processo pode ser vivenciado como um evento estressor que gera temor e dor no indivíduo, além de inúmeros sentimentos que podem suceder ao pensamento, como o medo, o desamparo e a culpabilização.

Mediante o exposto, considerando as particularidades e a complexidade do luto materno, somado à necessidade de um cuidado interdisciplinar e transdisciplinar, o psicólogo hospitalar é um dos profissionais que deve prestar suporte à mãe enlutada. Sua atuação envolve uma escuta qualificada e um manejo situacional, trabalhando “mais precisamente com a palavra, o corpo simbólico” (Simonetti, 2004, p. 24). Sendo assim, a ação desse profissional permite a livre expressão de sentimentos e pensamentos, a validação do sofrimento e a vivência do luto. Conforme discorre Laguna et al. (2021), a intervenção do psicólogo oferece suporte emocional e social, fornecendo um espaço para a mãe enlutada falar sobre essa experiência, o que favorece o processo de elaboração.

Sob tal perspectiva, o papel do psicólogo hospitalar diante da situação de morte na UTIN deve ser embasado em um cuidado sem julgamento de valor ou frases de invalidação do sofrimento presente, além do respeito ao tempo da enlutada e dos seus rituais de luto (Sciotti et al., 2024). As possíveis intervenções psicológicas neste contexto visam sustentar o sofrimento da mãe e facilitar a despedida mãe-bebê ainda dentro do ambiente de UTI Neonatal, contribuindo para a criação de memórias significativas (Laguna et al., 2021). O auxílio na criação de memórias do bebê pode facilitar a vivência do luto materno, pautando-se na atuação empática e eficiente neste momento de vulnerabilidade emocional.

Nesse viés, segundo Laguna et al. (2021), o psicólogo precisa ajudar a mãe enlutada a encarar a perda como sendo de uma pessoa real, que nasceu e morreu, que estava presente e se foi. Assim, é interessante que se dê identidade ao bebê que partiu, autorizando-se a vivenciar o momento de luto. Algumas formas de iniciar esse processo consiste em, por exemplo, permitir que a mãe, caso seja uma escolha dela, visite e se despeça do bebê, como alguém que já esteve ali um dia e que fez (e ainda irá continuar fazendo) parte da sua trajetória de vida. Pontua-se que, no luto neonatal, a sensação de perda é constante e a aceitação e o convívio com esse sentimento permite a ressignificação da realidade da mãe enlutada, aceitando o filho morto como parte de sua história (Andrade et al., 2017).

Outras maneiras do psicólogo hospitalar auxiliar na elaboração do luto materno consiste em permitir que a enlutada crie recordações do bebê, guardando, por exemplo, a pulseira de identificação, ecografias, impressões das suas mãos e/ou pés, roupas e até mesmo fios de cabelo (Laguna et al., 2021). Isso considerando os procedimentos padrões da instituição hospitalar, se

for permitido tal ação. Ainda de acordo com a autora é necessário oferecer à mãe a oportunidade de avaliar suas opções, ou seja, nenhuma alternativa deve ser imposta e não se deve insistir na realização ou não do seu funeral. Destaca-se que a construção de memórias sobre o bebê contribui para a atribuição de uma identidade ao recém-nascido, auxiliando na retomada gradual da identidade da própria mãe (Rodrigues et al., 2020).

Compreende-se, portanto, que enlutar-se é um ensejo de transformação e representação, que todo mundo, em algum momento de sua vida, irá experimentar (Laguna et al., 2021). Por esse motivo, a conduta do profissional de Psicologia diante da perda na UTIN deve ser respaldada na humanização, respeito, comunicação efetiva, acolhimento e sensibilidade à dor do outro. É importante que seja prestada uma assistência adequada, pois a mãe pode lembrar das atitudes, comportamentos e comentários inapropriados até anos depois da perda do recém-nascido, colocando-a em risco de experienciar um luto complicado (Laguna et al., 2021). Salienta-se, assim, a necessidade de um cuidado realizado de forma empática.

## **CONCLUSÃO**

À guisa de uma conclusão, ressalta-se que o luto materno diante da morte neonatal consiste em uma experiência emocional e social permeada de particularidades. Sendo um momento de sofrimento subjetivo que marca profundamente uma dor indefinível na figura materna, o psicólogo hospitalar deve prestar suporte psicológico após a notícia de óbito, oferecendo um espaço de escuta, livre expressão, validação, comunicação assertiva e empática, construção de memórias significativas e facilitação dos rituais de despedida.

Percebe-se, portanto, que o presente trabalho mostra-se pertinente, a partir do momento que busca transmitir conhecimento sobre um assunto complexo e uma realidade bastante dolorosa na UTIN, além de enfatizar a atuação e a necessidade do psicólogo hospitalar no acolhimento psicológico, ajudando na elaboração do luto. Assim, dentre as dificuldades durante a pesquisa, pontua-se a carência de artigos acadêmicos atuais na área da Psicologia que discorram sobre o luto materno em decorrência da perda na UTIN, visto que muitas pesquisas encontradas falavam sobre luto parental e perda gestacional.

Ademais, o trabalho apresenta limitações, uma vez que foca exclusivamente no luto materno e na atuação do psicólogo, não englobando o impacto emocional e as especificidades do sofrimento paterno no processo de perda neonatal, assim como não contempla com detalhes o acolhimento que deve ser exercido pelos demais profissionais da equipe multidisciplinar. Dessa forma, recomenda-se que futuras análises científicas explorem com mais frequência a

experiência materna de luto e o papel do psicólogo na UTIN, mas também acrescentem a vivência paterna e o cuidado integral dos profissionais desse setor.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rayssa Stéfani; CELESTINO, Kênia Alessandra. **De braços vazios, nos braços da dor: Perda gestacional e neonatal**. Research, Society and Development, 2020.
- ANDRADE, Marcela Lança; GOMES, Fernanda Kimie; BARBIERI, Valéria. **Recriando a vida: o luto das mães e a experiência materna**. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 2017.
- BASEGGIO, Denice Bortolin; DIAS, Marta Priscila; BRUSQUE, Simone Rodigheri; DONELLI, Tagma Marina; MENDES, Patricia. **Vivências de mães e bebês prematuros durante a internação neonatal**. Temas em Psicologia, 2017.
- CARTAXO, Laurita Da Silva; TORQUATO, Jamili Anbar; AGRA, Glenda ; FERNANDES, Maria Andréa; PLATEL, Indiara Carvalho; FREIRE, Maria Eliane. **Vivência de mães na unidade de terapia intensiva neonatal**. Revista Enfermagem UERJ, 2014.
- CARVALHO, Larissa Da Silva; PEREIRA, Conceição De Maria. **As reações psicológicas dos pais frente à hospitalização do bebê prematuro na UTI neonatal**. Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), 2017.
- FARIA-SCHUTZER, Débora Bicudo; NETO, Gabriel Lovorato; DUARTE, Claudia Aparecida; VIEIRA, Carla Maria; TURATO, Egberto Ribeiro. **Fica um grande vazio: relatos de mulheres que experienciaram morte fetal durante a gestação**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 2014.
- FERREIRA, Vanessa Gomes. **Luto Perinatal e Neonatal: atuação do psicólogo no suporte ao luto da puérpera**. 2022. 25 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia – Faculdade Pitágoras, Guarapari, 2022.
- FROSSARD, Fábio. **Entenda a revisão narrativa e saiba fazer para TCC**. Aluno expert, 2024. Disponível em: <https://alunoexpert.com.br/revisao-narrativa/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- LAGUNA, Thalyta Freitas; LEMOS, Aline Priscila; FERREIRA, Luísa; GONÇALVES, Camila Dos Santos. **O luto perinatal e neonatal e a atuação da psicologia nesse contexto**. Research, Society and Development, 2021.
- LOPES, Beatriz Gonçalves; BORGES, Pollyanna Kássia; GRDEN, Clóris Regina; CORADASSI, Carlos Eduardo; SALES, Cibele De Moura; DAMASCENO, Nauristela Ferreira. **Luto materno: dor e enfrentamento da perda de um bebê**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, 2017.
- RODRIGUES, Larissa; LIMA, Daniela Danttas; JESUS, Juliana Vasconcellos; LAVORATO, Gabriel; TURATO, Egberto Ribeiro; CAMPOS, Claudinei José. **Experiências de luto das mães frente à perda do filho neonato**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 2020.
- SCIOTTI, Luíza Teixeira; CARIAS, Antonio Richard. **O bebê que nunca foi para casa: percepções de mães diante do óbito em UTI Neonatal**. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), 2024.
- SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença**. 8. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2016. 200 p. ISBN 9788580407013.
- SIONEK, Luiza. **O luto na perda gestacional: um olhar fenomenológico**. [Dissertação de Mestrado em Psicologia] Universidade Federal do Paraná, 2019.